

ANO 2008

AUTOR SANJOANENSE ESCREVE PEÇA SOBRE RIO PARAÍBA

A apresentação da peça do professor e historiador, Fernando Lobato, "No Reino das Águas Profundas, encenada pelo grupo teatral Nós na Rua, marca sua estréia como autor de teatro infantil. Encenada no Cine Teatro São João, de 8 a 13 deste mês, conta a estória do Príncipe Guilherme Escamado Y Escamado do Pontal e Souza (Éric Meireles), seu Ministro (Saulo de Oliveira), o Bobo da Corte (Nando Dias) e a Ninfa Estrelinha (Jéssica Neves). A estória começa com a ira de Netuno contra os seres humanos, que estão poluindo as águas. Para se vingar, decide acabar com a praia de Atafona, para que as pessoas sintam o que é ser exterminado. Mas o príncipe gosta dos seres humanos e propõe às crianças que sejam Embaixadoras do Reino das Águas Profundas, dando-lhes a missão de preservar as águas, não jogando lixo nos rios, lagoas e mares. Cenas da destruição do Pontal pelo mar surgem num painel no fundo do palco.



(Janeiro de 2008)

Fundado em 1880 por José Henriques da Silva

S. João da Barra

ANO XIV - Nº 173 - Março 2008 - EDITOR - RESPONSÁVEL - CARLOS AA. DE SÁ - carlosaadesa@sjb.com.br/www.sjoaobarra.com.br - CIRCULAÇÃO DIRIGIDA - Atafona ao Arrol - Quilómetros 1 e 11 (Rodov. 101) - Distribuição Gratuita

São João

A NATUREZA EM AÇÃO

Há alguns anos, podíamos dizer que a natureza desenhou em Atafona um espaço turístico perfeito, árvores, o encontro do rio com o mar, movimentação no verão e em algumas épocas do ano, enfim, um espaço atrativo muito bom. Com o passar dos anos os moradores que ali vivem estão têm passado por momentos de preocupação com o mar que a cada dia vem tomando conta das casas. Ontem, o que era atrativo por sua beleza, hoje se torna causa da destruição do que foi construído com suor, com amor de moradores que sonhavam viver os seus últimos dias desfrutando daquele bellissimo cenário.

Francisco Rodrigues de Oliveira, 58 anos, morador de Atafona há 20 anos, fica muito triste ao ver esta cena. "Trabalho com um bar para sustentar minha esposa e meu neto, a situação é muito complicada, não temos como impedir, o espaço nos foi dado, agora a natureza está pegando de volta. É assim como a

nossa vida, um dia temos que nos despedir dela, não é?"

Aproximando os festejos da Penha, a movimentação em Atafona aumenta, muitos turistas querem ver a ação da natureza, que é um fenómeno. O mar ameaça destruir o prédio mais conhecido como o "Prédio do Julinho" que continua lutando contra o avanço do mar. Segundo o Sub-coordenador da Defesa Civil da prefeitura, Ricardo Sá, a área está interdita, a maré grande continua até o dia 13 de abril e não há possibilidade de implosão do prédio, agora é deixar por conta da natureza. A destruição do prédio irá criar uma contenção de escombros, dificultando o avanço do mar. Caso um dia o mar chegue até o "Cassino" que é a parte mais alta na retada do mar, poderá chegar até a igreja da Penha. Acredito muito no que os antigos falam, conclui Ricardo.

Agora só nos resta aguardar e assistir mais uma cena da natureza em Atafona. (EA)



(Março de 2008)

Monitor Campista

Goytacazes, 22 e 23 de março de 2008 • Ano 175 • Nº 076

SÁBADO E DOMINGO

Desde 4 de janeiro de 1834 • www.monitorcampista.com.br • R\$ 1,50

ATAFONA - DESTRUIÇÃO E BELEZA ALÉM DAS FRONTEIRAS

ANTONIO LEUDO



(22 e 23 de Março de 2008)

Mar em Atafona é ameaça a prédio

Imóvel de quatro andares foi desocupado e condenado pela Defesa Civil

Paulo Sérgio Pinheiro/Folha da Manhã

Aloysio Balbi

• CAMPOS. O mar no balneário de Atafona, em São João da Barra, no litoral Norte Fluminense, não pára de avançar. Agora, coloca em risco um prédio de quatro andares já condenado pela Defesa Civil e desocupado. Até janeiro desse ano, o imóvel estava a três metros do local onde as ondas quebravam. Atualmente, está quase dentro d'água.

O edifício de apartamentos, conhecido como o prédio do Julinho, comerciante que o construiu, era uma referência do balneário. No feriado passado, quando Atafona recebeu muitos visitantes, o imóvel foi totalmente isolado pela Defesa Civil do município. Funcionários bloquearam o acesso ao prédio.

— Nossa preocupação é com a possibilidade de as pessoas tentarem chegar perto do prédio, colocando suas vidas em risco. Fechamos a área para que a segurança esteja garantida — disse o coordenador da Defesa Civil, sargento-bombeiro Felício Valiengo, afirmando que a estrutura do prédio está comprometida e que ele deverá ser demolido antes que o mar o faça.

Pescadores dizem que o avanço do mar durante a Se-



O PRÉDIO em Atafona, São João da Barra: ele deverá ser demolido antes que a força das águas o derrube

mana Santa se deveu à maré da lua cheia, mas um monitoramento da Defesa Civil mostra que o fenômeno continua e a causa mais provável é o desmatamento nas margens do Rio Paraíba do Sul na sua foz. Sem resistência, o mar avança com força para dentro do rio.

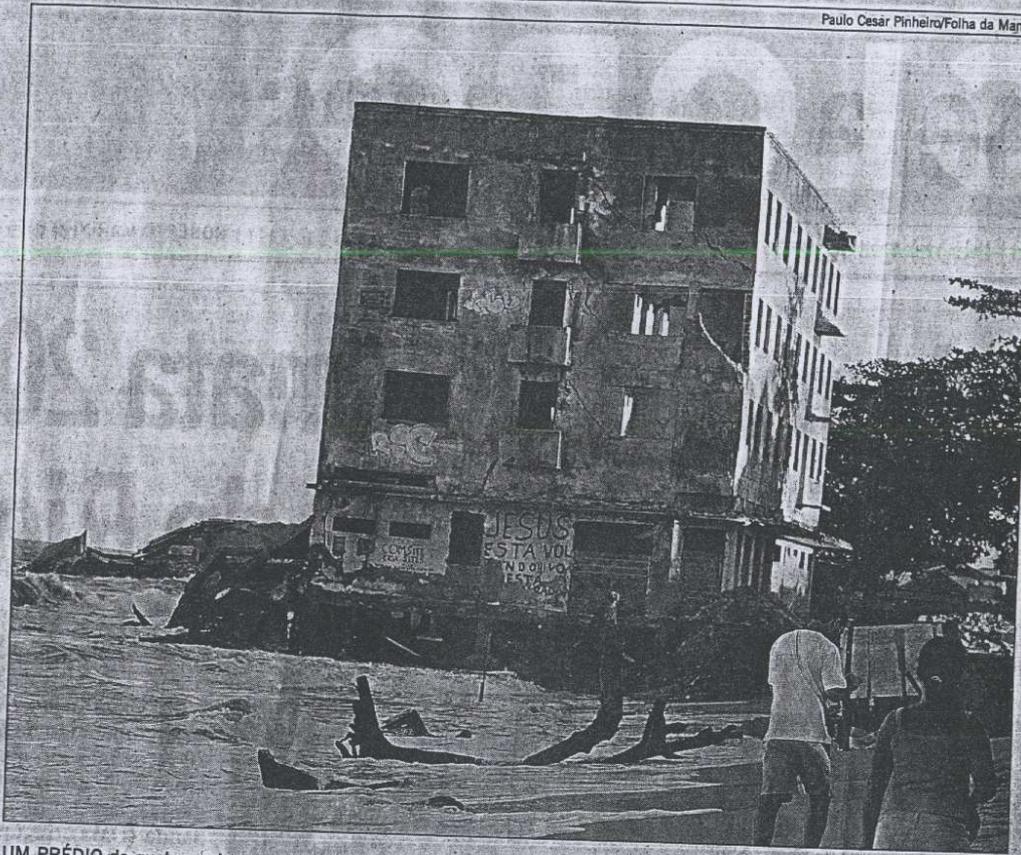
O fenômeno em Atafona começou há 20 anos e, nesse período, foram engolidos três quarteirões inteiros, onde havia uma vila de pescadores,

um posto de gasolina, uma escola, uma igreja, frigoríficos e um farol de sinalização marítima, derrubado pelas ondas. Não foram só as humildes casas de pescadores que o mar levou. A maior mansão construída na praia, com 17 suítes, que pertencia a um usineiro de Campos, também foi traga-da pelas águas. O mar avança em outros pontos de Atafona e várias residências de veranistas estão ameaçadas, sendo

que algumas a prefeitura deverá interditar esta semana.

Até a caixa d'água da Cedae, que abastece o balneário, está ameaçada pelo avanço do mar. Ela já estaria com uma parte da viga de sustentação comprometida e a companhia não pensa em brigar com as fortes ondas. A empresa está procurando uma área, distante da orla, para construir uma nova caixa d'água, o que deverá ser feito até o final deste ano. ■

Paulo Cesar Pinheiro/Folha da Manhã



UM PRÉDIO de quatro andares corre o risco de desabar por causa do avanço do mar, no balneário de Atafona, em São João da Barra, no litoral Norte Fluminense. O edifício já foi condenado e desocupado pela Defesa Civil do município. Até

janeiro deste ano, as ondas quebravam a três metros do imóvel. Agora, é quase invadido pela água. O coordenador da Defesa Civil, Felício Valengo, disse que isolou a área para garantir a segurança no local.

RIO, página 18

(25 de Março de 2008)

ÀS FAVAS, OS PROMETEDORES!

João Noronha Neto / joao.noneto@gmail.com

Perplexos estamos com a perda de mais um pedaço de Atafona. Lá se foi mais um marco que ajudou a escrever a história da localidade, o prédio do Julinho que vimos prosperar. Para a gente, a perda é incalculável, mas para os governantes que andaram prometendo obras de contenção que não saíram do papel, nada mais do que um prédio condenado a ruir, devido às frequentes ressacas e a insensibilidade com que é tratada a coisa pública. São 35 anos de destruição. Ninguém ousou buscar apoio junto a outras esferas, para contornar o problema. Prometeram, prometeram e não fizeram nada.

A praia já perdeu o Pontal, parte da avenida Atlântica e o mar já começa a dar ultimato a Feliciano Sodré, que ficou órfão do trecho entre a rua Nossa Senhora da Penha e Nossa Senhora dos Navegantes, esta última hoje submersa. Atafona está ficando cada vez menor, e poderá desaparecer em 25 anos, como prevêem os cientistas. Os prejuízos deixaram há algum tempo de ser contabilizados, porque não

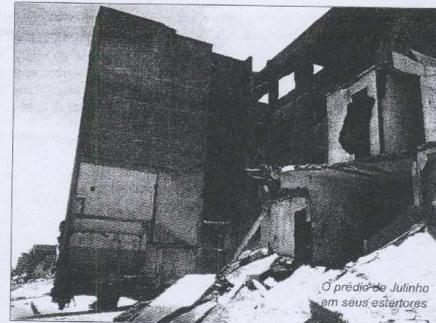
aparece ninguém para pagar a conta. Paga-se impostos e depois perde-se tudo. Apenas os penalizados é que podem expressar o tamanho da dor pela perda de algo de valor inestimável, causada pelo descaso dos governantes.

A omissão deles chega a um ponto, que nem mesmo esboçar vontade política temos visto nestes últimos 35 anos. Ninguém faz absolutamente nada e ainda ouvimos promessas de que uma ponte inacabada ligando São João da Barra a São Francisco de Itabapoana será concluída este ano. Ou o povo é tapado ou as autoridades zombar da desgraça alheia. Mas, como o ano eleitoral está aí é bem provável que novas promessas de muros de contenção, diques e espigões sejam repelidas, para se conseguir o voto.

A destruição de Atafona só deverá pôr fim ao estado de inércia em que vivem os governantes, quando o mar atingir a cidade de São João da Barra. Com milhares de refugiados ambientais e prejuízos de toda ordem que se

putarão a sede, o município deixará de existir e não terá condições de se reerguer nas águas. Então a partir daí, poderá ser buscada uma solução para um problema, que vem se arrastando por muitas décadas. Por enquanto, a tragédia só está ocorrendo na praia, o que não merece a preocupação das autoridades, mas deixa chegar lá.

A imprensa — o único verdadeiro porta voz de uma população — também tem sua parcela de culpa. Notícia a destruição, mas é incapaz de cobrar ações dos governantes. Aceita pacificamente as versões apresentadas, como num jogo de faz de conta, ignorando os prejuízos que não são poucos. São quase 1000 famílias que ficaram ao Deus dará. Nos 35 anos de destruição, jamais lemos em jornais ou ouvimos em emissoras de televisão, declarações de ex-proprietários sobre seus prejuízos. A imprensa tem cometido este pecado capital. Tem aproveitado a desgraça dos outros, para vendê-la a qualquer preço. O que se perdeu não deve interessá-la, apenas o fato que houve perda e não



O prédio de Julinho em seus escombros

se fala mais nisso, a não ser estudos, palestras e medições que acabam em nada. Atafona clama por obras emergenciais. Só isso.

Diante de tantos erros que testemunhamos ao longo dos anos, ainda nos resta força para pedir a protetora Nossa Senhora da Penha, para que faça intercessões junto ao nosso Pai, pela despre-

zada Atafona, que não vem tendo sorte com os governantes. Esses tadinhas, só lembram que o lugar existe, no dia da santa. Depois somem, para voltar no ano seguinte à caça de votos e fazer promessas, que não encham mais os olhos de ninguém por desacreditar em milagres, como a gente. Que nos perdoe a Penhal

(Abril de 2008)

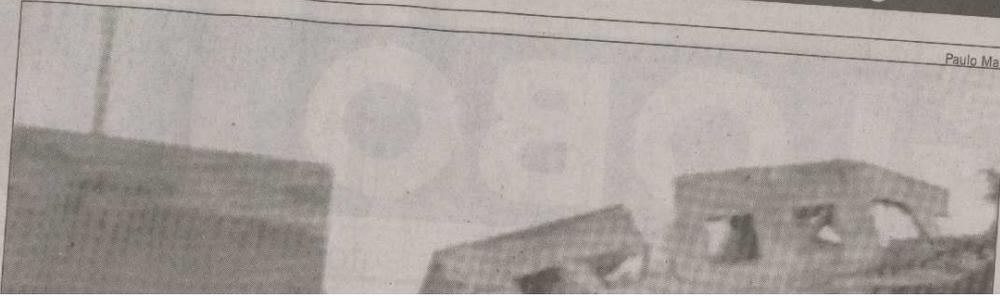


(06 de Abril de 2008)

Segunda-feira, 7 de abril de 2008

O GLOBO

Paulo Maja



ERROR: ioerror
OFFENDING COMMAND: image

STACK: